

O Dia Nacional do Escritor de 2017 - um momento ímpar da história do País

Discurso proferido em 26 de julho de 2017, por ocasião dos festejos comemorativos do Dia Nacional do Escritor, na Casa Rosada da Rua Santana, sede da União Brasileira de Escritores.

Alexandre Santos*

Declaro aberta a festa que, anualmente, a União Brasileira de Escritores faz para comemorar o Dia Nacional do Escritor, o dia consagrado pela lei brasileira aos artistas e cientistas da palavra.

Minhas senhoras e meus senhores,

Em função das incertezas vividas pelo País, especialmente nesta quadra tão estranha da história, a frase de abertura do discurso precisa ser destrinchada para a perfeita compreensão da data que estamos prestes a comemorar e, em consequência, possamos compreender o alcance e as responsabilidades delas advindas.

"Declaro aberta a festa que, anualmente, a União Brasileira de Escritores faz para comemorar o Dia Nacional do Escritor".

Inicialmente, observe, falamos em FESTA.

Não em encontro ou reunião.

Mas, falamos em FESTA.

Sim, é preciso comemorar esta data magna em FESTA, com a alegria própria daqueles que têm a consciência leve e tranquila de fazer tudo o que está ao seu alcance para levar entretenimento, cultura e, sobretudo, a oportuni-

dade da crítica social àqueles que desfrutam os textos da sua cepa. A consciência limpa daqueles que, se não fazem mais é porque enfrentam dificuldades, cuja superação, diga-se de passagem, figura entre os objetivos institucionais da UBE.

Em outras palavras, esta condição diz que o Dia Nacional do Escritor deve ser comemorado de forma pública, reunindo amantes das artes de escrever e de ler, para compor um mosaico caleidoscópico, cujas imperfeições fazem parte da realidade que emolduram nossa atividade cultural criando desafios a serem contornados e superados.

Na sequência da frase de abertura vem o anúncio de que esta festa é realizada pela União Brasileira de Escritores - uma organização de âmbito nacional, estruturada sob a égide da União, cujo objetivo é representar os interesses daqueles que têm a Literatura como affair cultural (e, nesta perspectiva, para não serem artistas frustrados, precisam ser correspondidos por leitores). Esta observação carrega muitas mensagens, inclusive sobre a importância do estímulo à chamada cadeia do livro e da leitura e sobre a formação do leitor do futuro.

Finalmente, para a perfeita compreensão da festa que celebramos hoje, precisamos nos debruçar sobre o significado do DIA NACIONAL DO ESCRITOR.

A data foi criada em 1958 pelo presidente Juscelino Kubstchek para marcar o apreço do povo brasileiro àqueles que dão forma às letras, transformando informações, idéias e sonhos em textos prontos para a fruição, de modo a elevar a saúde cultural das pessoas, podendo reforçar a sua resistência contra as manipulações da palavra e elevando a capacidade de crítica, elementos tão

importantes para a consistência dos processos que levam ao bem estar coletivo.

Como nos outros casos, o Dia Nacional do Escritor é comemorado em um único dia.

Assim, falando em termos genéricos, a lei que o criou merece a reprimenda estéril a aplicável à outras categoria e situações, pois, afinal de contas, tendo em vista a importância da arte literária, TODO DIA DEVERIA SER DIA DO ESCRITOR (e, nesta perspectiva, considerando a reciprocidade inversa que os une, todo o dia também deveria ser Dia do leitor).

Por outro lado, o dia que estamos prestes a comemorar é uma data NACIONAL, ou seja, é uma celebração cuja aplicação geográfica se aplica a todo o território do País, numa clara alusão a que não deveria existir diferença entre escritores que atuam em difentes espaços geográficos do nosso imenso Brasil. Infelizmente, a realidade mostra que, por diferentes razões, inclusive por deformidades dos sistemas de incentivo cultural e de concessão das estações de rádio e televisão, os escritores baseados na região sudestina do País desfrutam melhores condições de trabalho do que aqueles das demais regiões.

Estas observações dão, assim, um sabor especial à nossa festa, pois, ao lado das celebrações inerentes à própria vida, a data trás lembretes e desafios a serem enfrentados pelos homens e mulheres que fazem das letras o objeto de ação artística e cultural.

Se, de um lado, a celebração do Dia Nacional do Escritor nos desafia à lutar pela eliminação dos fatores de favorecimento de uns e, em contraponto, de discriminação de outros, que tornam desigual a distribuição de recursos e de oportunidades. Nunca é demais lembrar que os avanços introduzidos no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) não alteraram o panorama da con-

centração verificado no País e que os autores, editoras e leitores das regiões fora do eixo sudestino continuam à míngua, recebendo apenas sobejos, e [de lembrar], ainda, que enquanto a lei de concessão das estações de rádio e TV não for alterada para garantir a liberdade de informação, regionalizar programações e democratizar o acesso aos meios de comunicação, ao invés de elemento de afirmação e difusão cultural, o sistema manterá a possibilidade de desprestigiar os protagonistas locais e a palavra continuará sujeita ao uso intenso como instrumento de manipulação política e econômica.

De outro [lado], a celebração do Dia Nacional do Escritor nos lembra o desejo de que A CADA DIA os escritores sejam reconhecidos e festejados pela sociedade e, não apenas por eles próprios, como elementos fundamentais do processo de aperfeiçoamento cultural do País e, portanto, elementos estratégicos do próprio desenvolvimento. Aliás, o respeito e reconhecimento da importância do escritor será tanto maior quanto mais clara for a percepção de que eles [os escritores] ajudam a formar a opinião e a elevar a capacidade crítica das pessoas, elementos fundamentais para a consistência dos processos que levam ao bem estar coletivo. Neste ponto, cabe ao escritor a maior parte da responsabilidade de conquistar 'um lugar ao sol', indo a onde o povo está, escrevendo o que ele [o Povo] quer e precisar ler.

Minhas senhoras e meus senhores,

Se olharmos em volta, veremos que o mundo não está da forma como gostaríamos que estivesse.

Falta paz, falta amor, prevalece a escassez.

Na realidade, para o mundo viver a plenitude da paz, do amor e da fartura dos nossos sonhos, há uma longa distância a percorrer. E todos, rigorosamente todos, podem ajudar nesta caminhada. Aliás, hoje, como ontem, neste processo, pesa aos artistas a responsabilidade de traduzir o sentimento do Povo e, neste sentido, falar a Voz de Deus, para denunciar desconfortos e apontar caminhos capazes de levar o mundo a um estágio similar ao paraíso que anima o imaginário coletivo, pleno de conforto e de felicidade.

Aos artistas - seres iluminados que, independentemente da rudeza da realidade circundante, conseguem trabalhar as abstrações necessárias para criar o mundo dos sonhos - cabe mostrar como seria o mundo ideal e abrandar o coração daqueles que, tomados por impulsos meramente materiais, esquecem a alegria do viver e tomam o rancor, a tristeza, o desamor, a dor, o desabrigo, a fome, a insegurança e a violência como situações aceitáveis.

Mas, o mundo que buscamos não é assim.

De fato, embora a sustentabilidade seja um valor inarredável, não parece admissível que, num mundo marcado pela abundância, haja pessoas sem um teto para morar, [sem] um prato de comida, [sem] uma muda de roupas, [sem] escola, [sem] lazer, [sem] paz, [sem] amor. No mundo da arte, aquele que o artista sonha, embora até possa usar a feiúra como elemento de denúncia, [no mundo da arte, dizia eu] não há fome, desabrigo, desencanto, infelicidade ou solidão. Aliás, resguardados os casos maculados pelas tragédias naturais, as mazelas e as incúrias só existem por conta dos egoístas, daqueles que não têm a arte, o amor e a solidariedade como parâmetros básicos de convívio.

Antes que alguém acuse este discurso de ideológico, me apresso em dizer que, para o artista fazer a parte que lhe cabe na busca de um mundo mel-

hor, não há necessidade de qualquer engajamento político, pois, até quando [ele, o artista] pensa que não faz nada, já faz muita coisa. É necessário apenas que [o artista] dê curso aos sentimentos e talentos que recebeu de Deus. Só isso. O inconsciente coletivo fará o resto, animando a história e fazendo borbulhar o grande caldeirão do qual, independentemente da vontade dos inertes e malvados, brotam a rebeldia contra o marasmo e o desenvolvimento social.

Esta é a razão do caminhar da humanidade contrariar a lógica implícita nas perversidades e, ao invés de levá-la à barbárie própria da vida selvagem [como seria de esperar], a faz convergir, no longo prazo, a um estágio superior de convivência. Num quadro Fabiano de compreensão do mundo, isto nos leva a crer que, independentemente daquilo que o homem faça e os egoístas queiram, no calendário de Deus, o amanhã será sempre melhor do que o ontem.

Aliás, ao combinar sutilezas sociais, políticas, geográficas, econômicas, demográficas, climáticas, científicas, tecnológicas e culturais, a história faz de cada instante um momento único. Embora alguns aceitem que, inicialmente, a história possa se repetir como tragédia e, depois, como farsa, do ponto de vista objetivo, como não há como reproduzir todos os condicionantes originais, mesmo parecidos, todos os momentos são diferentes.

Ano passado, por exemplo, ao tempo que festejávamos o Dia Nacional do Escritor, o Brasil vivia um instante que, embora menos severo do que o atual, acenava futuro imediato mais desastroso do que este agora vislumbrado. Cada momento tem suas peculiaridades e juntos formam a sequência histórica que modula a vida das pessoas e da sociedade. É aí onde cresce a importância da sensibilidade artística, histórica e política de muitos, especialmente dos artistas, que, diante de sequências de momentos isoladamente efêmeros e

instáveis, conseguem interpretar a direção dos ventos e perceber tendências a serem, conforme o caso, estimuladas ou combatidas.

E, neste caso, sem que os brutos percebam e por mais que os egoístas tentem impedir, mesmo dispondo apenas da arte como instrumento de luta, por ser uma vigorosa expressão da sensibilidade popular, os escritores costumam se adiantar e, através da palavra, lançam avisos sobre aquilo que atrapalha ou ajuda a sociedade a alcançar as coisas que ela quer e precisa

Nesta perspectiva, a ação dos artistas da palavra ganha extrema importância no processo de realização do bem estar social e, em contrapartida, desperta a atenção e, mesmo, a ira (muitas vezes desnecessários) de todos os interessados na manutenção do status quo. Vale dizer que o medo despertado pelos artistas, quaisquer que sejam as suas linguagens, não é função deles próprios e, sim da arte que praticam, da sensibilidade como vêem o mundo e da natural liderança que os faz apontar caminhos e conduzir as massas.

Mesmo que não queiramos, temos uma grande responsabilidade pela frente, pois não podemos mudar aquilo que somos ou a natureza do sangue que palpita nossos corações e irriga nossos cérebros. Assim, resta-nos torcer para que nossa arte produza o melhor para a humanidade e ajude a tornar mais profícua a vida dos artistas da palavra.

Viva a arte!

Viva a cultura!

Viva o Dia Nacional do Escritor!

Muito obrigado.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)